

BRAGA (Mário Augusto de Almeida)

Escritor português (n. Coimbra, 1921). O seu nome encontra-se intimamente ligado ao neo-realismo. A esta estreita associação não são alheias as funções que, durante vários anos (de 1946 a 1965), desempenhou como editor da revista *Vertice*, principal órgão do movimento neo-realista português. É indiscutível que, globalmente revista, a produção literária de Mário Braga assume uma clara configuração onde se reflectem os princípios norteadores da estética neo-realista. «A matéria-prima do escritor de ficção é naturalmente o homem e a realidade concreta onde este se insere vivendo», afirma o escritor no prefácio do seu livro *As Ideias e a Vida*, acrescentando que «a arte pela arte não passa de uma utopia», o que significa que a literatura apenas deve ser concebida numa relação directa com a realidade social e económica que envolve o homem. Com efeito, desde o livro de estreia *Nevoeiro* (1944), o primado da verosimilhança determina a prática literária do autor. E toda a sua obra, não deixando de estar marcada, na sua coerência profunda, pelo programa ideológico do neo-realismo, revela na sua trajectória uma clara linha evolutiva. Entre as rupturas e as linhas de continuidade, tornam-se perceptíveis alguns momentos significativos que importa assinalar (momentos que o próprio autor destacou no prefácio à 3.^a edição de *Quatro Reis*, texto em que faz uma síntese do seu percurso literário). Os seus primeiros livros confinavam-se a um cenário geográfico e a uma temática circunscrita

ao universo rural. Aliás, é neste universo retratado que o autor se impõe como singular contista e é de registar, neste particular, o seu contributo para a demarcação do cânone do conto e da novela neo-realistas (refiram-se livros como *Caminhos sem Sol*, 1948, *Serranos*, 1948, *Mariana*, 1957, *Vale de Crugens*, 1958). A obra de M. B. regista uma transição a partir dos livros de contos *Histórias da Vila* (1958) e *O Livro das Sombras* (1960), que se prende com o alargamento do espaço geográfico e do espaço social, abertura ao universo dos pequenos meios provincianos e aos ambientes citadinos; daqui decorre uma diversa cosmovisão que condiciona as histórias apresentadas. *Corpo Ausente*, livro publicado em 1961, introduz uma nova viragem no percurso do autor. Agora, pela primeira vez, de um modo bastante nítido, uma maior atenção concedida ao universo íntimo e pessoal das personagens, se bem que sempre numa relação dialéctica com os conflitos de ordem política e económico-social. Esta mundividência reflecte-se no volume de novelas *Viagem Incompleta* de 1963 e na peça de teatro *Ponte sobre a Vida* (1965). Com a publicação do romance *O Reino Circular* em 1969, produz-se uma nova viragem. A novidade formal, do ponto de vista do género agora praticado, surgira com o livro anterior, *Antes do Dilúvio* (1967), e pode ser entendida como um inevitável ponto de chegada no itinerário do escritor; assim se daria continuidade a um procedimento que, recorrente nos primeiros livros de contos a seguir a *Nevoeiro*, anunciava a passagem ao romance. Como diz o autor, «a unidade, quer de estilo, quer de meio social, quer de parentesco antropológico das personagens — que chegam a transitar de conto para conto —, faz com que eles funcionem globalmente, como se de trechos ou mesmo se de capítulos de um romance se tratasse, até porque nuns se refere com frequência o tratado nos outros» (pref. à 3.ª ed. de *Quatro Reis*). E se em *Antes do Dilúvio* estávamos perante um romance de pendor satírico, onde era nítida a significação ideológica e política, com *O Reino Circular*, esse mesmo ângulo e a conseqüente dimensão interventora

não deixam de estar presentes, embora sejam diversos os procedimentos de representação. Este «reino circular» reenvia para um espaço repleto de significados simbólicos e alegóricos, o que leva a que a propósito se fale, p. ex., de «realismo simbólico» (Alberto Ferreira). A trama narrativa permite dilucidar esses significados onde, com grande transparência, se descortina o isolacionismo e o envelhecimento de uma ditadura e a solidão de um ditador. Este romance pode considerar-se o culminar, no que toca aos códigos técnico-formais, de uma escrita classicizada, de uma «arte tão sazoadada» como referiu Jacinto do Prado Coelho, o culminar na nitidez de uma prosa directa (Vitorino Nemésio), despojada, que o autor perfilhou (no fundo, dentro dos moldes da escrita neo-realista) e a que, aliás, o próprio se referiu como «estilo anti-retórico». A faceta do interventor na vida política, nunca de todo ausente da sua obra, surge mais marcadamente num livro de crónicas, onde reúne textos circunstanciais que dão o testemunho de um período concreto da vida política portuguesa (*Entre Duas Tiranias*, 1977).

Carlos Mendes de Sousa